



Jennifer Ashley

Vencedora do Prêmio RITA para Melhor Romance

elle

A

MULHER PERFEITA

para o Duque

Com o mundo inteiro a tentar separá-los,
será o amor mais forte?

TOP
SEL
LER

Este livro é dedicado aos meus pais: ao meu pai,
que perdi este ano, e à minha mãe,
que é mais forte do que julga.
Obrigada por todo o incentivo, paciência e amor.

Capítulo 1

Hart Mackenzie.

Dizia-se que conhecia todos os prazeres que uma mulher desejava, e que sabia exatamente como lhos proporcionar. Hart não perguntava à senhora o que ela queria, e ela própria talvez não o soubesse, mas sabê-lo-ia quando ele terminasse. E haveria de querer outra vez.

Hart tinha poder, fortuna, talento, inteligência e a capacidade de manipular qualquer homem — ou mulher — para fazerem o que ele queria e ainda pensarem que a ideia tinha sido deles.

Eleanor Ramsay sabia em primeira mão que tudo isto era verdade.

Espiava do meio de um grupo de jornalistas na St. James's Street, numa inesperadamente aprazível tarde de fevereiro, aguardando que o grande Hart Mackenzie, Duque de Kilmorgan, saísse do seu clube. Com um vestido fora de moda e um chapéu velho, Lady Eleanor Ramsay não parecia diferente de qualquer outra repórter, tão sedenta de uma história como os restantes. Porém, enquanto os outros ansiavam por um artigo exclusivo sobre o famoso duque escocês, Eleanor estava ali para mudar a vida dele.

Os jornalistas ficaram atentos quando avistaram o duque na ombreira da porta: muito alto, os seus ombros largos repuxando o casaco preto, as ancas embrulhadas com o tartã dos Mackenzie. Hart usava sempre *kilt*, para recordar a quem o via que, acima de tudo, era e sempre seria escocês.

— Vossa Graça! — bradaram os jornalistas. — Vossa Graça!

Um mar de costas masculinas passou à frente de Eleanor, impedindo-a de se aproximar. Ela empurrou-os, recorrendo sem dó nem piedade à sombrinha fechada para abrir caminho até à frente do grupo.

— Oh, peço perdão — disse ela quando a armação da sua saia empurrou um homem que tentava dar-lhe uma cotovelada nas costelas.

Hart pôs o chapéu, sem olhar para a esquerda nem para a direita, e desceu os três degraus entre o clube e a porta aberta do seu landó. Era especialista em não reparar no que não lhe interessava.

— Vossa Graça! — gritou Eleanor. Pôs as mãos em concha em torno da boca. — Hart!

Hart parou, virando-se. O seu olhar encontrou o dela, um olhar dourado que a penetrou através dos seis metros de distância que os separavam.

Os joelhos de Eleanor enfraqueceram. A última vez que vira Hart fora num comboio, quase um ano antes, quando ele a seguira até ao compartimento, e, com uma mão quente no braço dela, a obrigara a aceitar dinheiro. Ele tivera pena dela, o que a exasperara. Também lhe introduzira um cartão de visita no decote do corpete. Ela lembrava-se do calor dos seus dedos e do arranhar do cartão com o nome dele na sua pele.

Hart disse qualquer coisa a um dos seus guarda-costas com aspeto de pugilistas, que aguardava ao lado da carruagem. O homem assentiu com a cabeça, virou-se e avançou até junto de Eleanor, abrindo caminho entre os jornalistas frenéticos.

— Por aqui, Vossa Senhoria.

Eleanor segurou firmemente a sombrinha fechada e seguiu-o, consciente dos olhares zangados à sua volta. Hart viu-a aproximar-se, sem nunca desviar o olhar. Outrora, fora embriagador ser o centro daquela atenção estudada.

Quando ela chegou junto do landó, Hart segurou-a pelos cotovelos, levantou-a e fê-la entrar.

Ao seu toque, Eleanor perdeu o fôlego. Aterrou no assento, tentando abrandar o ritmo do coração enquanto Hart a seguia, tomando, graças

a Deus, o assento diante dela. Nunca seria capaz de lhe apresentar a sua proposta se ele se sentasse demasiado perto dela, distraíndo-a com o calor do seu corpo tão sólido.

O laçao fechou a porta e Eleanor segurou o chapéu quando o landó começou a avançar. Os cavalheiros da imprensa gritaram e praguejaram ao verem a presa fugir-lhes, o landó subindo a St. James's Street em direção a Mayfair.

Eleanor olhou para trás, por cima do assento.

— Santo Deus, que infelicidade provocaste hoje na Fleet Street — disse.

— Que se lixe a Fleet Street — rugiu Hart.

Eleanor virou-se para ele e encontrou o seu olhar fixo nela.

— O quê, toda ela?

Assim, tão perto dele, conseguia ver as pintas douradas nos seus olhos cor de avelã, que lhe davam uma aparência de águia, e as madeixas ruivas no seu cabelo escuro, atestando a ascendência escocesa. Cortara o cabelo mais curto desde a última vez que ela o vira, o que lhe tornava o rosto mais penetrante e intimidador que nunca. Eleanor era a única entre a multidão de jornalistas que vira aquele rosto suavizado pelo sono.

Hart estendeu um braço comprido através do banco, as suas grandes pernas sob o *kilt* ocupando muito espaço na carruagem. O *kilt* levantou um pouco, deixando-a vislumbrar coxas bronzeadas, resultado de muitas horas a cavalgar, a pescar e a caminhar na sua propriedade na Escócia.

Eleanor abriu a sombrinha, fingindo que estava descontraída e feliz por se encontrar na mesma carruagem que o homem de quem estivera noiva.

— Peço desculpa por te abordar na rua — disse ela. — Fui a tua casa, mas mudaste de mordomo. Este não me conhecia, e não ficou minimamente impressionado com o cartão que me deste. Ao que parece, as senhoras têm o costume de tentar introduzir-se em tua casa sob pretextos falsos, e ele assumiu que era esse o meu caso.

Não posso censurá-lo. Na opinião dele, eu podia ter roubado o cartão, e tu foste sempre muito popular entre as senhoras.

O olhar de Hart não se suavizou, como costumava acontecer, perante o dilúvio de palavras dela.

— Falarei com ele.

— Não, não! Não ralhes *muito* com o pobre homem. Ele não tinha maneira de saber. Calculo que lhe reveles muito pouco, um hábito exasperante que tens. Não, eu vim de Aberdeen até aqui para falar contigo. É bastante importante. Fui a casa da Isabella, mas ela não estava e eu sabia que isto não podia esperar. Consegui sacar ao teu lacaio (querido Franklin, cresceu tanto) a informação de que estavas no clube, mas ele tem demasiado medo do mordomo para me deixar esperar dentro de casa. Então, decidi espiar e apanhar-te quando saíesses. Foi tão divertido, fingir que era jornalista. E aqui estou eu.

Ela abriu os braços, naquele gesto de desamparo que Hart recordava, mas ai do homem que pensasse que aquela mulher era indefesa.

Lady Eleanor Ramsay.

A mulher com quem vou casar.

O seu vestido de sarja azul-escura estava fora de moda há anos, a sombrinha tinha uma vareta partida, e o chapéu, com flores murchas e um véu curto, empoleirava-se-lhe, torto, na cabeça. O véu não ocultava minimamente o azul delfínio dos seus olhos nem a mancha de sardas amorosas que se juntavam quando ela franzia o nariz, nunca deixando de mostrar o seu sorrisinho. Era alta, para uma mulher, mas cheia de curvas generosas. Aos 20 anos, quando a vira pela primeira vez a revoltear num salão de baile, era uma beleza de cortar a respiração, a sua voz e riso como música, e continuava a ser uma beleza agora. Ainda mais. O olhar faminto de Hart banqueteu-se nela, absorvendo-a como um homem que tivesse vivido muito tempo sem sustento.

Ele forçou a voz a parecer firme, até mesmo casual.

— Que assunto tão importante é esse de que me queres falar?

Com Eleanor, podia ser qualquer coisa, desde um botão perdido a uma ameaça ao Império Britânico.

Ela inclinou-se um pouco para a frente, a presilha no cimo da gola soltando-se, com o tecido a desfiar.

— Bem, não posso dizer-to aqui, numa carruagem aberta, enquanto atravessamos Mayfair. Espera até estarmos dentro de casa.

A ideia de Eleanor o seguir para casa dele, de respirar o mesmo ar que ele, comprimiu-lhe o peito. Ele queria-o, ansiava por isso.

— Eleanor...

— Santo Deus, podes conceder-me *alguns* minutos, não podes? Considera-o como a minha recompensa por te ter livrado daqueles jornalistas frenéticos. Descobri algo que pode chegar aos limites do desastre. Achei melhor correr para aqui e contar-te pessoalmente, em vez de escrever.

Devia ser sério, para fazer Eleanor sair da sua decrepita casa nos arrabaldes de Aberdeen, onde vivia com o pai numa pobreza elegante. Hoje em dia, ela ia a poucos sítios. Por outro lado, também podia ter algum motivo oculto naquela sua cabeça. Eleanor não conseguia fazer nada de maneira simples.

— El, por amor de Deus, se é assim tão importante, conta-me.

— Por Deus, quando ficas carrancudo, o teu rosto parece de granito. Não admira que toda a gente na Câmara dos Lordes tenha um medo terrível de ti. — Ela inclinou a sombrinha para trás e sorriu-lhe.

Carne macia sob a sua, os olhos azuis dela semicerrados num prazer voluptuoso, a luz do sol escocês na pele nua. A sensação de se mover dentro dela, o sorriso dela ao dizer: «Amo-te, Hart.»

Emoções antigas reergueram-se rapidamente. Lembrou-se do seu último encontro, quando ele não conseguira impedir-se de lhe tocar no rosto, dizendo: «Eleanor, que vou eu fazer contigo?»

O facto de ela aparecer antes de ele estar preparado forçá-lo-ia a alterar o calendário dos seus planos, mas Hart tinha a capacidade de reorganizar os seus esquemas à velocidade de um raio. Era o que fazia dele uma pessoa tão perigosa.

— Dir-to-ei na devida altura — prosseguiu Eleanor. — E apresentar-te-ei a minha proposta de negócio.

— Proposta de negócio? — Com Eleanor Ramsay. Que Deus o ajudasse. — Que proposta de negócio?

À sua maneira exasperante, Eleanor ignorou-o e olhou as casas altas que ladeavam a Grosvenor Street.

— Há tanto tempo que não estava em Londres, e logo durante a temporada. Estou ansiosa por voltar a ver toda a gente. Santo Deus, aquela é a Lady Mountgrove? É mesmo! Olá, Margaret!

Eleanor acenou animadamente a uma mulher gorducha que se apeava de uma carruagem diante de uma das portas pintadas.

Lady Mountgrove, uma das mulheres mais bisbilhoteiras de Inglaterra, ficou com a boca num O. O seu olhar absorveu cada pormenor de Lady Eleanor Ramsay a acenar-lhe do interior da carruagem do Duque de Kilmorgan, e o próprio duque plantado à sua frente. Ficou boquiaberta por muito tempo, antes de levantar a mão num cumprimento.

— Santo Deus, há anos que não a via — disse Eleanor, recostando-se, enquanto prosseguiam viagem. — As filhas dela já devem ser, oh, umas senhoritas. Já foram apresentadas à sociedade?

A boca dela ainda lhe provocava um intenso desejo de a beijar, fechando-se num beicinho enquanto aguardava a resposta.

— Não faço a mais pálida ideia — disse Hart.

— Francamente, Hart, devias pelo menos dar uma *olhadela* às páginas de sociedade dos jornais. És o solteiro mais cobiçado de Inglaterra. Provavelmente, de todo o Império Britânico. As mamãs na Índia aperaltam as filhas para navegarem até junto de ti, dizendo-lhes: *Nunca se sabe. Ele ainda não casou.*

— Sou viúvo. — Hart nunca dizia aquela palavra sem uma pontada de dor. — Não sou solteiro.

— És um duque, não estás casado e podes tornar-te o homem mais poderoso do país. Do mundo, melhor dizendo. Devias considerar a ideia de voltar a casar.

A língua dela, os seus lábios, moviam-se de uma forma tão sedutora! O homem que lhe virasse as costas tinha de ser louco. Hart

lembrava-se do dia em que o fizera; ainda sentia a minúscula pancadinha da aliança que ela lhe atirara contra o peito, com os olhos cheios de raiva e mágoa.

Ele devia ter-se recusado a deixá-la partir, devia ter fugido com ela naquela mesma tarde, unindo-a para sempre a si. Com ela, cometera erro após erro. Mas ele era jovem, zangado, orgulhoso e... embaraçado. O altivo Hart Mackenzie, certo de que podia fazer tudo o que lhe apetecesse, aprendera com Eleanor que não era assim.

A voz de Hart amaciou.

— Conta-me como estás, El.

— Oh, na mesma. Tu sabes. O pai está sempre a escrever os seus livros, que são brilhantes, mas ignora o valor do dinheiro. Deixei-o a divertir-se no British Museum, a inspecionar a coleção egípcia. Espero que não comece a desfazer as múmias.

Ele era bem capaz disso. Alec Ramsay tinha uma mente curiosa e, nem Deus no céu, nem as autoridades do museu na terra, poderiam impedi-lo.

— Ah, aqui estamos nós. — Eleanor inclinou a cabeça para olhar a mansão de Hart na Grosvenor Square quando a carruagem parou. — Vejo o teu mordomo a espreitar pela janela. Parece um pouco desanimado. Não te zangues muito com o pobre homem, está bem? — Pousou os dedos levemente na mão do laçaió que se apressara a sair de casa para a ajudar a apear-se. — Olá outra vez, Franklin. Já o encontrei, como podes ver. Comentei com ele o quanto crescestes. E ouvi dizer que casaste. Tens um filho, não é?

Franklin, que se orgulhava da sua atitude severa como porteiro do duque mais famoso de Londres, derreteu-se num sorriso.

— Sim, Vossa Senhoria. Tem agora três anos, e sempre metido em sarilhos.

— É sinal de que é robusto e saudável. — Eleanor deu-lhe uma palmadinha na mão. — Parabéns.

Dobrou a sombrinha e quase bailou para dentro de casa enquanto Hart descia do landó e a seguia.

— Sra. Mayhew, que prazer voltar a vê-la — ouviu-a dizer. Entrou em casa e viu-a segurar as mãos da governanta.

As duas trocaram cumprimentos e começaram a falar, imagine-se, de receitas. Ao que parecia, a governanta de Eleanor, agora reformada, instruíra-a para obter da Sra. Mayhew a receita dos bolinhos de limão.

Eleanor começou a subir as escadas, e Hart praticamente atirou o casaco e o chapéu para as mãos de Franklin para a seguir. Estava prestes a fazê-la entrar no salão principal quando um escocês enorme, com um *kilt* coçado, camisa aberta e botas salpicadas de tinta surgiu com grandes passadas do andar de cima.

— Espero que não te importes, Hart — disse Mac Mackenzie. — Trouxe os demónios e instalei-me para pintar num dos teus quartos livres. A Isabella meteu os decoradores lá em casa e não imaginas a confusão... — Mac deteve-se, uma expressão de alegria a espalhar-se-lhe na cara. — Eleanor Ramsay, pelo que há de mais sagrado! Que diabo fazes aqui? — Apressou-se a descer os últimos degraus até ao patamar e levantou Eleanor do chão com um abraço de urso.

Eleanor beijou sonoramente a bochecha de Mac, o segundo mais jovem da família Mackenzie.

— Olá, Mac. Vim irritar o teu irmão mais velho.

— Ótimo. Ele precisa que o irrite um pouco. — Mac voltou a depositar Eleanor no chão, os olhos brilhando com o seu sorriso. — Vem lá acima ver os bebés quando tiveres terminado, El. Não estou a pintá-los a eles, porque não param quietos; estou a dar uns toques finais numa pintura equestre para o Cam. *Night-Blooming Jasmine*, a sua nova campeã.

— Sim, ouvi dizer que ela se portou bem. — Eleanor pôs-se em bicos de pés e deu mais um beijo na bochecha de Mac. — Este é para a Isabella. E para a Aimee, a Eileen e o Robert. — *Beijo, beijo, beijo.* Mac absorveu tudo com um sorriso idiota.

Hart encostou-se ao corrimão.

— Ainda falta muito para essa tal proposta?

— Proposta? — perguntou Mac, de olhos brilhantes. — Isso parece interessante.

— Cala-te, Mac — disse Hart.

Gritos irromperam no andar de cima — sonoros, desesperados. O Armagedão chegou aos berros. Mac sorriu e subiu as escadas a correr.

— O pai já vai, meus diabinhos. Se se portarem bem, podem lanchar com a tia Eleanor.

Os gritos não diminuíram até Mac chegar ao último andar, entrar na sala e bater com a porta. O barulho cessou instantaneamente, embora se continuasse a ouvir a voz atrojadora de Mac.

Eleanor suspirou.

— Sempre soube que o Mac daria um bom pai. Vamos?

Ela virou-se e avançou para o escritório no andar de cima sem esperar por Hart. Numa certa época, Eleanor familiarizara-se bastante com todos os quartos daquela casa, e parecia não se ter esquecido do caminho.

O escritório não mudara nada, reparou Eleanor ao entrar. Os mesmos painéis escuros cobriam as paredes, e estantes cheias, aparentemente dos mesmos livros, erguiam-se até ao teto alto. A enorme secretária que pertencera ao pai de Hart ainda repousava a meio da sala.

A mesma tapete cobria o chão, embora um cão diferente dormitasse perto da lareira. Era *Ben*, se ela não estava enganada, filho da antiga cadela de Hart, *Beatrix*, que morrera alguns meses após o rompimento do seu noivado com Hart. A notícia da morte de *Beatrix* quase lhe partira o coração.

Ben não abriu os olhos quando entraram, e o seu leve ressonar confundia-se com o crepitar do lume na lareira.

Hart tocou no cotovelo de Eleanor para a conduzir através da sala. Ela desejou que ele não o fizesse, porque a força de aço dos seus dedos fazia-a derreter e ela precisava de manter a sua resolução.

Se tudo corresse bem hoje, não precisaria de voltar a aproximar-se tanto dele, mas a primeira abordagem tinha de ser em privado.

Uma carta poderia facilmente cair nas mãos erradas, ser perdida por um secretário negligente ou o próprio Hart podia queimá-la sem a abrir.

Hart arrastou uma poltrona para junto da secretária, como se ela não pesasse nada. Mas Eleanor sabia, ao sentar-se, que a cadeira pesadamente esculpida era sólida como um rochedo.

Hart ocupou a cadeira da secretária, o *kilt* a abanar enquanto se sentava, mostrando músculos fortes por cima dos joelhos. Quem quer que considerasse um *kilt* efeminado, era porque nunca tinha visto Hart Mackenzie com um.

Eleanor tocou o tampo liso da secretária.

— Sabes, Hart, se planeias ser primeiro-ministro da nação, deves pensar em mudar a mobília. É um tanto antiquada.

— Que se dane a mobília. Que problema é esse que te fez arrastar com o teu pai das inóspitas terras escocesas?

— Estou preocupada contigo. Trabalhaste tão arduamente para isto que não suporto imaginar como te sentirias se perdesse tudo. Passei uma semana acordada a pensar no que havia de fazer. Sei que nos separámos com ressentimentos, mas já foi há muito tempo e muita coisa mudou. Sobretudo para ti. Talvez não acredites, Hart, mas ainda me preocupo contigo, e perturbou-me pensar que terias de te esconder se isto viesse a lume.

— Esconder-me? — Ele fitou-a. — De que é que estás a falar? O meu passado não é segredo para ninguém. Sou uma ovelha negra e um pecador, toda a gente sabe. Hoje em dia, isso quase constitui uma mais-valia para um político.

— Talvez, mas isto pode ser humilhante. Serás o bobo da corte e isso será, certamente, um contratempo.

O olhar dele tornou-se penetrante. Era engraçado, ele ficava muito parecido com o pai. O velho duque era formoso, mas era um monstro, com olhos frios e malévolos que faziam as pessoas sentirem que não passavam de um sapo debaixo do seu pé. Hart, apesar de tudo, tinha um calor que faltara ao pai.

— Eleanor, para de tagarelar e diz-me o que se passa.

— Ah, sim, está na hora de te mostrar, creio.

Eleanor introduziu a mão num bolso interior do casaco e retirou um cartão dobrado. Pousou-o na secretária diante de Hart e abriu-o. Hart ficou imóvel.

O objeto dentro do cartão dobrado era uma fotografia. Uma fotografia de corpo inteiro de Hart, mais jovem, tirada de perfil. Nessa época, o corpo de Hart era um pouco mais esguio, mas já bem musculado. Na fotografia, apoiava as nádegas na ponta de uma secretária, a sua mão de veias fortes sobre o tampo, ao lado da anca. Tinha a cabeça inclinada, como se examinasse algo aos seus pés, fora do enquadramento.

A pose, embora pouco habitual para um retrato, não era a única coisa invulgar. O aspeto mais interessante daquela fotografia era que Hart estava completamente nu.

Capítulo 2

— Onde arranjaste isto? — A pergunta era dura, áspera, exigente. Eleanor conseguira a atenção total de Hart. — Veio de alguém que me quer bem — respondeu ela. — Pelo menos, era assim que a carta estava assinada. *De uma peça que lhe quer bem*. A ortografia mostra que o autor não é uma pessoa instruída... Bem, tem pelo menos instrução suficiente para escrever uma carta, mas certamente não acabou a escola. Acho que é de uma mulher, por causa da caligrafia...

— Alguém te enviou isto? — interrompeu Hart. — Foi isso que vieste aqui dizer-me?

— Na verdade, sim. Felizmente para ti, eu estava sozinha à mesa do pequeno-almoço quando abri o envelope. O meu pai estava fora, a classificar cogumelos. Com a cozinheira, que não estava propriamente a classificá-los, mas a escolhê-los para a nossa ceia.

— Onde está o envelope? — Obviamente, Hart esperava que ela lhe entregasse tudo imediatamente. Mas isso estragaria os planos dela.

— O envelope não revelava muito — disse Eleanor. — Não chegou por correio, foi entregue em mão e levado da estação de comboios para Glenarden. O chefe da estação recebeu-o do revisor de um comboio, que disse que lhe tinha sido entregue por um pacote em Edimburgo. O envelope só tinha uma linha: *Para Lady Eleanor Ramsay, Glenarden, perto de Aberdeen, Escócia*. Lá onde moro toda a gente me conhece, por isso, teoricamente, se o remetente o tivesse deixado algures entre Edimburgo e Aberdeen, acabaria por me chegar às mãos.

Hart baixou as sobrancelhas enquanto a ouvia, fazendo Eleanor lembrar-se novamente do pai dele. Dantes havia um retrato do homem pendurado naquele escritório, no lugar de honra por cima da lareira, mas felizmente já lá não estava. Hart devia tê-lo levado para o sótão ou, quem sabe, queimado. Eleanor tê-lo-ia queimado.

— E esse pacote de Edimburgo? — perguntou Hart.

— Não dispus do tempo nem dos recursos para conduzir tal investigação — disse Eleanor, voltando a desviar o olhar da lareira. O quadro que estava lá pendurado agora fora pintado por Mac, uma paisagem das Terras Altas escocesas, com um homem de *kilt* a pescar. — Gastei o nosso último dinheiro em bilhetes de comboio para Londres, pois queria dizer-te pessoalmente que muito me agradaria se me deixasses tratar deste assunto. Se me forneceres os fundos e um pequeno salário.

O olhar dele fixou-se novamente nela, penetrante e dourado.

— Um salário.

— Sim, isso mesmo. É a proposta de negócio que mencionei. Quero que me dê um emprego.

Hart ficou em silêncio, o pesado relógio do outro lado da sala tiquetaqueando sonoramente no silêncio.

Perturbava-a estar na mesma sala que ele, isolados do mundo, mas não era por Hart a observar com o seu olhar avaliador. Não, o que a perturbava era estar sozinha com Hart, o homem por quem outrora estivera loucamente apaixonada.

Ele era diabolicamente bonito, provocador e terno, e cortejara-a com uma verve que a deixara sem respiração. Ela apaixonara-se rapidamente por ele e não tinha a certeza se alguma vez o deixara de estar.

Mas o Hart que ela enfrentava hoje era um homem diferente daquele de quem estivera noiva, e isso preocupava-a. O Hart de riso tão fácil, animado e entusiasmado pela vida, tinha desaparecido. No seu lugar encontrava-se um homem ainda mais duro e determinado que antes. Vira demasiada tragédia, demasiada morte, demasiada perda. As coscuvilhices e a imprensa tinham afirmado que Hart

ficara aliviado por se ver livre de Lady Sarah, sua mulher, mas Eleanor sabia que isso não era verdade. O brilho sombrio nos olhos de Hart era causado pela dor.

— Um emprego — estava ele a repetir. — Em que é que estás metida, Eleanor?

— Em que é que estou metida? Em dívidas até às orelhas, claro. — Sorriu com a sua piada. — Agora a sério, Hart, precisamos do dinheiro. Adoro o meu pai, mas ele não é muito prático. Acredita que ainda estamos a pagar os salários ao pessoal, mas, verdade seja dita, eles ficam e cuidam de nós porque têm pena. A nossa comida vem das hortas das famílias deles ou da caridade dos aldeões. Eles pensam que não sabemos. Podes chamar-me assistente, ou secretária, ou o que quiseres. Tenho a certeza de que dispões de vários cargos.

Hart olhou os determinados olhos azuis que tinham assombrado os seus sonhos durante anos e sentiu algo abrir-se dentro de si.

Ela viera como uma resposta a uma prece. Hart planeava viajar em breve para Glenarden, para a convencer a casar-se com ele, sabendo que estava muito perto do auge da sua carreira. Queria ganhar tudo e apresentar-lho numa bandeja, para que ela não fosse capaz de recusar. Ia fazê-la ver que precisava dele, tanto quanto ele precisava dela.

Mas talvez assim ainda fosse melhor. Se ele a acolhesse agora na sua vida, ela acostumar-se-ia tanto a estar ali que, quando lhe estendessem a mão, ela a aceitaria e não diria que não.

Ele poderia perfeitamente arranjar-lhe um emprego de fachada, deixá-la investigar quem tinha aquelas fotografias (ela tinha razão em achar que talvez ajudassem a oposição a pô-lo em maus lençóis) enquanto lentamente fechava o punho em volta dela. Tão lentamente que ela não perceberia que estava presa até ser demasiado tarde.

Eleanor estaria com ele, ao seu lado, como agora, esboçando o seu sorriso de lábios vermelhos. Todos os dias e todas as noites.

Todas as noites.

— Hart? — Eleanor abanou a mão diante da cara dele. — Estás a sonhar acordado?

Hart voltou a concentrar a atenção nela, na curva apeteçível da sua boca, no sorrisinho que outrora o determinara a possuí-la. Em todos os sentidos.

Eleanor guardou a fotografia no bolso.

— Agora, quanto ao salário, não precisa de ser grande. Algo com que nos possamos manter, nada mais. E alojamento para mim e para o meu pai enquanto estivermos em Londres. Podem ser quartos pequenos... estamos habituados a desenrascar-nos, desde que a vizinhança não seja muito má. O pai *vai* a todo o lado sozinho e não quero que os rufias o incomodem. Ia acabar tentando explicar aos assaltantes como começaram a ser fabricadas as facas com que tentam matá-lo, e concluir com uma lição sobre os melhores métodos de temperar o aço.

— El...

Eleanor prosseguiu, ignorando-o.

— Se não desejares admitir que me contrataste para procurar o remetente da fotografia, e compreendo que precisas de ser discreto em relação a isso, podes dizer às pessoas que me contrataste para fazer outra coisa qualquer. Para te escrever as cartas à máquina, por exemplo. Eu aprendi a escrever à máquina. Ofereceram uma à diretora dos correios lá da aldeia. Ela ofereceu-se para ensinar algumas solteironas a datilografar, para poderem arranjar um emprego numa cidade, em vez de esperarem em vão que um homem repare nelas e as despose. Eu, claro, não posso mudar-me para uma cidade sem o pai, que nunca sairá de Glenarden por mais que umas semanas, mas mesmo assim aprendi, pois nunca se sabe quando pode ser útil. E, seja como for, deves dar-me um emprego para eu poder ganhar o dinheiro que nos permita voltar a Aberdeen.

— *Eleanor!* — Hart ouviu a sua voz encher a sala, mas por vezes era a única maneira de interromper a verborreia dela.

Eleanor pestanejou.

— O que é? — Um caracol de cabelo escorregou-lhe por baixo do chapéu e serpenteou até ao ombro, uma mancha vermelho-dourada sobre o corpete de sarja.

Hart suspirou.

— Deixa um homem pensar por um minuto.

— Sim, eu sei que divago. O pai nunca se importa. E estou um pouco nervosa, devo dizer. Já fui tua noiva e agora aqui estamos nós, cara a cara, como se fôssemos velhos amigos.

Santo Deus.

— Nós *não* somos amigos.

— Eu sei. Eu disse, *como se fôssemos* velhos amigos. Um velho amigo a pedir emprego ao outro. Vim aqui em desespero.

Ela podia dizê-lo, mas o seu sorriso, o seu olhar franco, demonstravam entusiasmo e determinação.

Noutra época, Hart provara aquele entusiasmo, o seu prazer de viver, e ansiava por voltar a prová-lo.

... Desabotoar-lhe o corpete, abri-lo lentamente, inclinar-se sobre ela e lambe-lhe o pescoço. Ver os seus olhos amolecerem enquanto lhe beijava o canto da boca.

Eleanor correspondera-lhe. Tão amorosa e forte.

Um desejo negro, tentador e penetrante, agitou-se em lugares que ele há muito mantinha enterrados. Eleanor percebeu que ele podia inclinar-se sobre ela naquele momento, segurar-lhe os braços atrás das costas direitas da cadeira, tomar-lhe a boca num beijo longo e profundo...

Eleanor chegou-se para a frente, o colarinho do vestido roçando-lhe a pele macia.

— Eu procurarei as fotografias e tu dizes ao teu pessoal que me contrataste para ajudar com a tua pilha de correspondência. Sabes que precisas de toda a gente que puderes contratar para te ajudar a concretizar o teu objetivo eterno de te tornares primeiro-ministro. Calculo que estejas perto?

— Sim — respondeu Hart. Uma resposta tão curta para resumir os seus anos de trabalho e diligência, as suas viagens incontáveis para avaliar o estado do mundo, os políticos que infundavelmente cortejava em infundáveis reuniões fastidiosas no castelo de Kilmorgan.

Mas ele sentia a necessidade, a *obsessão* a fervilhar-lhe no cérebro. Era o que o motivava todos os dias da sua vida.

A expressão de Eleanor tornara-se doce.

— Ganhas vida quando ficas com essa expressão — disse ela. — Como costumavas ser. Selvagem e imparável. Eu gostava muito disso.

Ele sentiu um aperto no peito.

— Gostavas, rapariga?

— É verdade que te tornaste um pouco frio nos últimos tempos, mas alegra-me ver que o fogo ainda existe dentro de ti. — Eleanor recostou-se, recuperando o seu sentido prático. — Agora, quanto às fotografias... quantas eram no total?

Hart sentiu os dedos apertarem a secretária, como se perfurassem a madeira.

— Vinte.

— Tantas? Será que a pessoa as tem todas, e onde as terá obtido? Quem as tirou? A Sra. Palmer?

— Sim. — Ele não queria falar com ela sobre a Sra. Palmer. Nem agora, nem nunca.

— Era o que eu suspeitava. Mas a pessoa que está a enviá-las pode tê-las encontrado numa loja. As lojas vendem fotografias a colecionadores... todo o género de temas. Penso que as tuas teriam vindo a lume há muito tempo se assim fosse, mas...

— *Eleanor.*

— Que é?

Hart conteve o mau génio.

— Se parares de falar por um momento, posso dizer-te que te dou o emprego.

Eleanor abriu muito os olhos.

— Bem, muito obrigada. Devo dizer que esperava muito mais discussão...

— Cala-te. Ainda não acabei. Não te vou instalar com o teu pai num qualquer prédio em ruínas em Bloomsbury. Ficarão ambos aqui em casa.

Um entusiasmo surgiu no olhar dela. Ótimo. Não havia mais dúvidas de que ela chegara, vira e vencera.

— Aqui? Não sejas ridículo. Não é preciso.

Era preciso. Ela entrara ali, na sua ratoeira, e ele não a deixaria sair.

— Não sou tão tolo que te deixe, a ti e ao teu lunático pai, à solta em Londres. Tenho aqui muito espaço e raramente estou em casa. Estarão à vontade a maior parte do tempo. O Wilfred é o meu secretário e ele dir-te-á o que deves fazer. É pegiar ou largar, El.

Eleanor, talvez pela primeira vez na sua vida, não conseguiu pensar em nada para dizer. Hart oferecia-lhe o que ela queria, a oportunidade de o ajudar e (ela não exagerara) a oportunidade de levar para casa algum dinheiro de que tanto precisava. O pai raramente se apercebia da sua pobreza, mas a pobreza, infelizmente, apercebia-se *deles*.

Mas, viver em casa de Hart, respirar o ar que ele respirava todas as noites... Eleanor não tinha a certeza de conseguir fazê-lo sem enlouquecer. Tinham passado anos desde o fim do noivado mas, em certos aspetos, o tempo nunca seria suficiente.

Hart virara o jogo a seu favor. Dar-lhe-ia dinheiro para que não passasse fome, mas à sua maneira, nas suas condições. Ela errara ao pensar que ele não o faria.

O silêncio prolongou-se. *Ben* virou o seu grande corpo, ganiu um pouco e voltou a adormecer.

— Temos acordo? — Hart abriu as mãos em cima da mesa. Mãos firmes e fortes, com dedos grossos. Mãos que trabalhavam duramente, mas que podiam ser incrivelmente ternas no corpo de uma mulher.

— Na verdade, gostava de te mandar para o diabo e ir-me imediatamente embora. Mas, como preciso do dinheiro, julgo que devo dizer que sim.

— Podes dizer o que quiseres.

Fitaram-se mais uma vez, Eleanor olhando aqueles olhos cor de avelã, quase dourados.

— Espero que tenciones estar fora bastante tempo — disse ela. Um músculo vibrou no queixo dele.

— Vou mandar alguém buscar o teu pai ao museu e podem mudar-se imediatamente.

Eleanor percorreu com o dedo a superfície lisa da secretária. A sala estava escura, com uma elegância antiquada, mas, ao mesmo tempo, acolhedora.

Voltou a pousar a mão no colo e a olhar Hart nos olhos, o que nunca era fácil de fazer.

— Parece-me aceitável — disse.



— Ele está a obrigar-te a fazer *o quê?* — Mac Mackenzie virou as costas à pintura, com o pincel estendido. Uma gota de amarelo Mackenzie salpicou o soalho envernizado junto dos seus pés.

— Papá, tem cuidado — disse-lhe a pequena Aimee, de 5 anos. — A Sra. Mayhew vai ficar furiosa se sujares o chão de tinta.

Eleanor pegou no pequeno Robert Mackenzie ao colo, o seu corpinho quente de encontro ao peito. Eileen, filha de Mac e Isabella, estava num berço junto do sofá, mas Aimee estava perto de Mac, de mãos atrás das costas, observando o pai adotivo a pintar.

— A ideia do emprego foi minha — disse Eleanor. — Posso muito bem escrever à máquina e ganhar dinheiro para me sustentar com o meu pai. Os livros do pai são obras fantásticas, mas, como sabes, ninguém os compra.

Mac ouviu o raciocínio dela com um olhar tão intenso como o de Hart. Usava o seu habitual traje de pintura, *kilt* e botas, e um lenço vermelho amarrado na cabeça para proteger o cabelo da tinta. Eleanor sabia que ele gostava de pintar sem camisa, mas, por respeito aos filhos e a Eleanor, vestira uma túnica solta, muito manchada de tinta.

— Mas ele espera que *trabalhes* para ele?

— A sério, Mac, estou muito satisfeita por o fazer. O Hart precisa de muita ajuda para o seu partido de coligação ganhar. Eu quero ajudá-lo.

— Foi o que ele te fez acreditar. O meu irmão não faz nada sem segundas intenções. Que está ele a tramar?

— Sinceramente. — A fotografia pesava-lhe no bolso, mas Hart pedira-lhe, e ela concordara, que mantivessem, por enquanto, segredo em relação ao resto da família. Ficariam indignados por alguém tentar chantagear Hart, mas também se ririam. Hart não desejava ser uma anedota para a família. — Eu quero o emprego — disse Eleanor. — Sabes como são as coisas para o pai e para mim, e recuso-me a aceitar a caridade de alguém. Atribui isso à minha teimosia escocesa.

— Ele está a aproveitar-se de ti, rapariga.

— Ele é o Hart Mackenzie. Não consegue evitá-lo.

Mac fitou-a por mais um momento, depois introduziu o pincel num frasco, atravessou o quarto com grandes passadas e abriu a porta com força.

Eleanor levantou-se de um salto, com o bebé ao colo.

— Mac! Não é preciso...

As palavras dela foram abafadas pelo bater das botas de Mac nas escadas.

— O papá está zangado com o tio Hart — disse Aimee quando a porta se fechou novamente. — O papá está muitas vezes zangado com o tio Hart.

— Isso é porque o teu tio Hart é muito irritante — disse Eleanor. Aimee inclinou a cabeça para um lado.

— Que é isso, irritante?

Eleanor mudou a posição de Robert, que dormira profundamente durante aquela explosão. Embalá-lo preenchia um qualquer vazio no seu coração.

— *Irritante* é quando o tio Hart olha para ti como se ouvisse a tua opinião, mas depois vira as costas e faz o que lhe apetece, apesar do que tu disseste. Sentes um nó na garganta, a boca a ficar tensa, e tens vontade de bater com os pés e gritar. E sabes que, mesmo que grites e agites os punhos, isso não serve de nada. É isto que significa *irritante*.

Aimee ouviu, anuindo com a cabeça, como se armazenasse a informação para uso futuro. Era a filha adotiva de Mac e Isabella, nascida em França, e não tinha aprendido inglês até aos três anos. Colecionar palavras novas era o seu passatempo.

Eleanor plantou um beijo na cabeça de Robert e deu uma palmadinha no sofá, ao seu lado.

— Não te rales com o teu tio Hart. Senta-te aqui, Aimee, e conta-me o que tu, o papá e a mamã têm feito em Londres. E quando o *meu* papá chegar, vai falar-nos das múmias no museu.



— Não posso acreditar em ti — gritou Mac, o sotaque escocês transparecendo com a raiva.

Hart fechou o armário que continha o retrato do qual não parecia capaz de se livrar e olhou em volta, irritado. Mac estava numa fúria, as roupas e os dedos manchados de tinta, o lenço cigano ainda na cabeça. Hart já esperava aquilo, mas, mesmo assim, ficou irritado.

— Ofereci-lhe um emprego com um salário e um sítio para viver — disse Hart. — Estou a ser generoso.

— Generoso? Eu ouvi-te em Ascot, Hart. Disseste que estavas preparado para começar a procurar uma mulher. É assim que vais tratar do assunto?

Hart voltou para a sua secretária.

— É a minha vida pessoal, Mac. Fica fora dela.

— *Pessoal*, dizes? Quando é que isso te manteve fora da *minha* vida? Quando a Isabella me deixou, gritaste-me com toda a ferocidade. Gritaram-me todos. Tu, o Cameron e o Ian... — Mac interrompeu-se. — O Ian — disse. Um sorriso espalhou-se-lhe no rosto. Era tão típico de Mac, passar de uma emoção para outra sem qualquer pausa pelo meio. — Não preciso de te gritar, pois não? — perguntou Mac. — A única coisa que tenho de fazer é explicar as coisas ao Ian. E depois, que Deus tenha piedade da tua alma.

Hart não disse nada, mas sentiu uma vertigem de inquietação. Ian, o mais jovem dos irmãos Mackenzie, não compreendia a *subtileza*. Era capaz de soletrar a palavra e dar-lhe um significado do dicionário, mas não conseguia assimilá-la, praticá-la ou reconhecê-la nos outros. Quando Ian se decidia por um curso de ação, nem todos os diabos do inferno, nem todos os anjos do céu, podiam afastá-lo dele.

Mac riu-se para ele.

— Pobre Hart. Estou ansioso por assistir. — Tirou o lenço da cabeça, manchando de tinta o cabelo despenteado. — Fico contente por a Eleanor ter vindo para cá atormentar-te. Mas esta noite não pode. Vou levá-la, e ao pai dela, para tomarem chá em minha casa, e a Isabella vai mantê-la lá durante bastante tempo. Sabes como são as mulheres quando se põem a falar. Só param se ficarem inconscientes.

Hart não planeava ficar em casa essa noite, mas subitamente desagradou-lhe a ideia de Eleanor sair. Se a perdesse de vista, ela podia evaporar-se, voltar para Glenarden, que era o seu refúgio. Um lugar que, apesar das paredes a desmoronar, parecia deixar sempre Hart do lado de fora.

— Pensava que tinhas lá os decoradores — resmungou.

— E tenho, mas caberemos. Só me irrita que andem por ali quando estou a tentar pintar. Darei os teus cumprimentos à Isabella. — Mac olhou descaradamente para Hart. — Não estás convidado.

— Tanto faz, vou sair. Cuida de que a Eleanor chegue a casa em segurança, está bem? Londres é um lugar perigoso.

— Claro que sim. Eu próprio os acompanharei, a ela e ao pai.

Hart relaxou um pouco. Sabia que Mac o faria. Mas, nesse momento, o sorriso de Mac esmoreceu. Aproximou-se de Hart e ficou mesmo em frente dele, elevando o olhar pela meia polegada de diferença de altura entre os dois.

— Não voltes a partir-lhe o coração — disse Mac. — Se o fizeres, bato-te com tanta força que terás de fazer os teus discursos ao Parlamento numa cadeira de rodas.

Hart tentou que a irritação não lhe transparecesse na voz, mas não conseguiu.

— Trata apenas de que ela chegue a casa.

— Somos Mackenzies — disse Mac, com o olhar firme. — Lembrete de que estragamos tudo em que tocamos. — Espetou um dedo na direção de Hart. — Não estragues esta.

Hart não respondeu e, finalmente, Mac foi-se embora.

Hart tirou uma chave da gaveta da secretária, voltou para junto do armário onde estava o retrato do pai e trancou-o.



Viver em casa de Hart revelou-se menos perturbador do que Eleanor temia, sobretudo porque ele quase nunca lá estava.

Hart explicou vagamente a presença de Eleanor em Londres, pondo a correr uma ficção de que o conde Ramsay viera à cidade para realizar uma pesquisa no British Museum, destinada ao seu próximo livro. Hart oferecera ao empobrecido Ramsay um quarto na sua casa, e, naturalmente, o conde fizera-se acompanhar da sua filha e assistente, Lady Eleanor. Mac e Isabella tinham ajudado a manter as bocas caladas, mudando-se também para lá, com os filhos e tudo, um dia depois da chegada de Eleanor, pois os decoradores tinham começado a trabalhar nos quartos.

Hart disse a Wilfred que Eleanor escreveria cartas na máquina de escrever *Remington* que ele tinha encomendado para Wilfred da América. Também abriria e organizaria a correspondência social de Hart, ajudaria Wilfred a elaborar o seu calendário social e ajudaria Isabella a organizar as suas exuberantes receções. Wilfred assentiu com a cabeça, sem sequer mudar de expressão — estava acostumado às ordens arbitrárias e, por vezes, bizarras de Hart.

Lorde Ramsay adaptou-se perfeitamente à vida na mansão de Grosvenor Square, mas para Eleanor foi difícil habituar-se a todo aquele esplendor. Em Glenarden, a casa dos Ramsay perto de Aberdeen, nunca

se sabia quando é que um tijolo ia cair de uma parede ou a água da chuva inundaria um corredor. Aqui, não se permitia que tijolo algum caísse, ou que água alguma se infiltrasse. Criadas silenciosas e bem treinadas estavam sempre às ordens de Eleanor, e os lacaios punham-se em pé de um salto para abrir qualquer porta de que esta se aproximasse.

Lord Ramsay, por seu turno, divertia-se imensamente. Ignorando os horários habituais da casa, levantava-se quando lhe apetecia e invadia a cozinha para comer quando tinha fome, depois guardava os seus cadernos e lápis num pequeno saco e partia sozinho para Londres. O mordomo tentava explicar-lhe que a carruagem de Hart estava à sua disposição para o levar aonde quisesse, mas Lord Ramsay ignorava-o e ia todos os dias para o museu a pé ou apanhava um autocarro. Descobriu que adorava o autocarro.

— Imagina só, Eleanor — disse Ramsay quando chegou a casa muito tarde na segunda noite da sua estadia. — Podes ir a qualquer sítio que queiras por um dinheiro. E vês tanta gente! É bastante interessante, depois do isolamento em casa.

— Por amor de Deus, pai, não diga isso ao Hart — pediu Eleanor. — Ele espera que o pai se comporte como um par do reino e se faça transportar com todo o luxo.

— Para quê? Assim vejo mais da cidade. Sabes que uma pessoa em Covent Garden tentou roubar-me a carteira? Nunca ninguém tinha tentado roubar-me a carteira. O ladrão era uma criança, acreditas nisto? Uma menina. Pedi-lhe desculpa por a minha carteira estar tão vazia e dei-lhe o dinheiro que tinha para o autocarro.

— Que diabo fazia o senhor em Covent Garden? — perguntou Eleanor, preocupada. — É muito longe do museu.

— Eu sei, minha querida. Virei no sítio errado e fartei-me de deambular. Por isso, cheguei tão tarde a casa. Tive de pedir instruções a várias polícias antes de encontrar o caminho.

— Se tivesse levado a carruagem, não se perdia — disse Eleanor, pondo os braços em torno do pai. — Nem lhe roubavam a carteira. E eu não me preocuparia tanto.

— Disparate, minha querida. Os polícias foram muito prestáveis. Não tens razão para te preocupares com o teu velho pai. Fica descansada.

Ele tinha um brilho nos olhos, aquele brilho irritante que dizia a Eleanor que ele sabia muito bem o que fazia, mas assumiria o papel de velho distraído sempre que lhe desse jeito.

Enquanto o pai se ocupava no museu ou a viajar no transporte público, Eleanor trabalhava nas suas tarefas de fachada. Descobriu que gostava de escrever à máquina as cartas que Wilfred lhe dava, porque estas lhe permitiam um vislumbre da vida de Hart, se bem que fosse a sua vida formal.

O duque tem o prazer de aceitar o convite do embaixador para a festa ao ar livre na próxima terça-feira.

Ou,

O duque lamenta ser-lhe impossível assistir à reunião na sexta-feira à noite.

Ou,

Sua Graça agradece a Sua Senhoria o empréstimo do livro e devolve-o com gratidão.

Pequenas frases polidas e muito contrárias ao estilo de Hart. Mas não era realmente Hart quem escrevia as respostas. Ele rabiscava *sim* ou *não* nas cartas que Wilfred aprovava, e devolvia-lhas. Wilfred rascunhava as respostas e Eleanor datilografava-as.

Eleanor também podia elaborar os textos, mas Wilfred, velha alma orgulhosa, considerava este dever uma das suas *raisons d'être*, pelo que ela nunca sugeriu que assumisse essa tarefa.

Tanto melhor. Ela sentir-se-ia tentada a escrever coisas como: *Sua Graça lamenta ser-lhe impossível assistir ao seu baile de caridade.*

Claro que ele não irá, sua vaca estúpida, depois de lhe teres chamado cocó escocês. Sim, ouvi-te dizer isso em Edimburgo no verão passado, e ele veio a saber. Era melhor que tivesses cuidado com a língua.

Não, era melhor que Wilfred redigisse as cartas.

Quanto às fotografias, Eleanor ponderava o que fazer. Hart dissera que existiam 20. Eleanor recebera uma — mas não tinha maneira de saber se a «peçoa que lhe queria bem» as tinha todas ou só aquela. E, se só tivesse uma, onde estavam as outras? À noite, sozinha no seu quarto, ela pegava na fotografia e examinava-a.

A pose mostrava Hart num perfil perfeito. A mão que estava apoiada na aresta da secretária retesava todos os músculos do seu braço, o ombro redondo e tenso. As coxas nuas tinham uma força musculosa e, de modo algum, era fraca a cabeça inclinada em contemplação.

Este era o Hart que Eleanor conhecera anos antes, aquele com quem aceitara, sem qualquer hesitação, casar. Ele tinha o corpo de um deus, um sorriso que lhe derretia o coração, um brilho pecaminoso nos olhos que era para ela e só para ela.

Ele sempre tivera orgulho no seu físico, que mantinha em forma com muitas horas a cavalgar e a caminhar, a praticar boxe, remo ou qualquer desporto que lhe despertasse o interesse de momento. Pelo que ela vislumbra por trás do seu *kilt* e do casaco, Hart tornara-se ainda mais musculoso e sólido desde que aquela fotografia fora tirada. Ela acalentava a fantasia de lhe tirar uma fotografia naquela pose e comparar as duas.

O olhar de Eleanor derivou finalmente para a parte que fingia não lhe interessar. Na fotografia, o pénis de Hart estava parcialmente escondido pela coxa, mas ela conseguia vê-lo — não ereto, mas cheio e grande.

Ela lembrava-se da primeira vez que vira Hart nu, no pavilhão de verão da propriedade de Kilmorgan, um edifício dispendioso e ornamental que se empoleirava num penhasco com uma ampla vista para o mar. A última coisa que Hart despira fora o *kilt*, esboçando um sorriso malicioso quando Eleanor percebeu que ele não usava nada

por baixo. Ele rira-se quando o olhar dela não pôde evitar descer pelo seu corpo, até à ereção e ao seu desejo por ela. Ela nunca vira um homem sem roupa, muito menos um homem *assim*.

Recordou o baque do seu coração, o rubor da sua pele, o calor triunfante de saber que o esquivo Lorde Hart Mackenzie *lhe* pertencia. Ele deitara Eleanor no cobertor que tivera o cuidado de levar para o passeio, e deixara-a explorar o seu corpo. Nessa tarde, ensinara a Eleanor tudo aquilo de que *ela* gostava. E estivera certo em relação a tudo.

O sorriso de Hart, o seu riso em surdina, a maneira incrivelmente terna como a tocara, fizera-a apaixonar-se loucamente por ele. Eleanor acreditara ser a mais abençoada das mulheres e, de facto, fora-o.

Eleanor suspirou e guardou a fotografia e as suas memórias, tudo de volta aos seus esconderijos.

Vivia em casa de Hart há três dias quando chegou a segunda fotografia, que *lhe* foi entregue diretamente.

Capítulo 3

— **P**ara si, minha senhora — disse a competente criada de salão de Hart, executando uma vénia perfeita.

O envelope, que a criada lhe entregava, dizia: *Lady Eleanor Ramsay, hospedada no número 8 de Grosvenor Square*. A mesma letra, no mesmo estilo cuidadoso, mas sem selo ou qualquer indicação da origem da carta. O envelope era rijo e pesado, e Eleanor calculava o que continha.

— Quem trouxe isto? — perguntou Eleanor à criada.

— O pacote, minha senhora. O que normalmente traz as mensagens para Sua Graça.

— Onde está ele?

— Já se foi embora, minha senhora. Ele faz as entregas em toda a praça e na Oxford Street.

— Percebo. Está bem, obrigada.

Eleanor teria de encontrar o rapaz e interrogá-lo. Subiu as escadas para o piso superior, fechou-se no quarto, colocou uma cadeira junto à janela para ter luz e abriu o envelope.

Lá dentro estava uma folha de papel barato, vendido a peso em qualquer papelaria, e um pedaço de cartão dobrado. No interior deste, estava outra fotografia.

Nesta, Hart estava de pé junto de uma janela ampla, mas o que se via lá fora era o campo e não uma cidade. Estava de costas para o fotógrafo, com as mãos no parapeito e, mais uma vez, não usava um milímetro de pano.

Umhas costas largas, repletas de músculos, adelgaçavam até um traseiro que não podia ser mais firme. Os braços de Hart estavam tensos, sustentando o seu peso enquanto se debruçava no parapeito. A fotografia estava impressa em papel rijo, ao género de uma *carte de visite*, mas sem a marca do estúdio fotográfico. Hart tinha provavelmente a sua própria máquina fotográfica e a sua antiga amante, a Sra. Palmer, tirara as fotografias. Eleanor não imaginava Hart a confiar aquele género de coisas a outra pessoa.

Fora a própria Sra. Palmer quem contara a Eleanor que tipo de homem era Hart Mackenzie verdadeiramente. Devasso. Imprevisível. Exigente. Pensava no assunto como uma aventura, a *sua* aventura. Naquela equação, a mulher não passava de um meio para o seu prazer. Ela não entrara em pormenores, mas o que insinuara fora suficiente para acordar Eleanor da sua complacência.

A Sra. Palmer morrera há dois anos e meio. Quem possuiria então as malditas fotografias, porque estaria ele ou ela a enviá-las a Eleanor, e porque esperara até agora? Ah, porque agora Hart estava prestes a empurrar Gladstone para fora da sua cadeira e assumir o governo.

A nota era igual à primeira. *De uma peçoã que lhe quer bem*. Não continha ameaças de chantagem, nem juras de trair Hart, nem qualquer pedido de dinheiro.

Eleanor ergueu a carta à luz, mas não viu qualquer sinal de mensagens ou pistas secretas na fina marca de água, nenhum código inteligentemente escondido nas extremidades das palavras. Nada, além daquela única frase escrita a lápis.

Nas costas da fotografia não havia pistas, e o mesmo se passava com a parte da frente. Eleanor foi buscar uma lupa e examinou os grãos da fotografia, para o caso improvável de alguém ter imprimido aí mensagens minúsculas.

Nada.

A visão alargada do traseiro de Hart era, no entanto, agradável. Eleanor examinou-a à lupa durante muito tempo.



A única maneira de falar a sós com Hart (na verdade, de falar com ele, fosse como fosse) era emboscá-lo. Nessa noite, Eleanor aguardou que o pai se retirasse para o quarto, depois dirigiu-se ao corredor onde ficava o quarto de Hart, no andar por baixo do dela. Arrastou duas cadeiras do outro lado do corredor para junto da porta do quarto, uma para se sentar, a outra para pousar os pés.

A casa de Hart era maior que a maioria das outras casas em Mayfair. *Naturalmente*. Muitas das casas de Londres tinham duas salas de profundidade e uma de largura, com uma escadaria que começava junto da porta principal e subia por toda a casa. As casas maiores tinham quartos atrás da escada, e talvez um segundo quarto diante da escada nos andares superiores.

A casa de Hart era larga e funda, com quartos de ambos os lados da escadaria e também atrás. No rés do chão ficavam as salas: uma sala de estar dupla de um dos lados, uma grande sala de jantar do outro, e um salão de baile enorme que atravessava toda a parte de trás da casa.

A escadaria aberta subia pela casa num elegante retângulo, os patamares formando uma galeria em torno de cada andar. O primeiro piso a seguir ao térreo tinha mais salões, uma biblioteca com a profundidade de duas salas e mais uma sala de jantar privada, para a família. No andar seguinte ficavam o grande escritório de Hart e outro, mais pequeno, onde Eleanor e Wilfred trabalhavam, além do quarto de dormir de Hart, na parte de trás da casa, onde Eleanor agora o aguardava. Ela, o pai, Mac e Isabella ocupavam quartos no andar por cima desse, e o andar superior era agora uma creche e um estúdio improvisados.

Eleanor sentou-se de costas para a porta do quarto de Hart e estendeu os pés por cima da outra cadeira. Um candeeiro a gás silvava por cima dela, e ela abriu um romance da biblioteca e começou a ler.

O romance era entusiasmante, com um vilão de coração perverso determinado a desonrar a inocente heroína, e o herói sempre preso numa selva, a combater tigres ou algo do género, quando a heroína estava em perigo. Os heróis nunca estão por perto quando fazem falta. O silvo do candeeiro a gás era tranquilizador, e os olhos dela fecharam-se.

Acordou sobressaltada, deixando cair o livro com estrondo, e encontrou Hart Mackenzie agigantando-se por cima dela.

Eleanor levantou-se. Hart permaneceu onde estava, sem se mover, com a gravata pendurada na mão. Aguardava que ela se explicasse. Típico.

Ele usava o tartã Mackenzie e um casaco formal, a camisa aberta, revelando a cova húmida da sua garganta. Tinha os olhos vermelhos, por ter bebido, o rosto enegrecido pela barba. Cheirava intensamente a fumo de charuto, ao ar da noite e a perfume de mulher.

Eleanor escondeu o desânimo por causa do perfume, e aclarou a garganta.

— Receio bem que a única maneira de poder falar contigo, Hart, é ficar à espreita como um tigre... numa selva. Quero discutir contigo a questão das fotografias.

— Agora não — disse Hart.

Afastou a cadeira e ia abrir a porta do quarto, mas Eleanor, desenhada, postou-se à frente dele.

— Caramba, estás maldisposto. Se dependesse de ti, nunca falarias comigo acerca do assunto. A casa está adormecida, podemos falar em privado. Tenho perguntas para te fazer.

— Fala com o Wilfred. Ele marca-te uma reunião comigo.

Hart abriu a porta, passou por ela e entrou no quarto. Eleanor entrou atrás dele, antes que ele pudesse fechar a porta.

— Não tenho medo do teu quarto, Hart Mackenzie. Já cá estive.

Hart lançou-lhe um olhar que lhe disparou o coração. Atirou a gravata e o colarinho para uma cadeira e aproximou-se da mesa onde estava o decantador de brande.

— Se queres que se saiba em toda a Mayfair que me perseguiste até ao quarto, não faças cerimónias, fica e fecha a porta.

Eleanor deixou a porta aberta.

— Também aqui não mudaste de mobília — disse ela, mantendo um tom ligeiro. — A cama é, positivamente, medieval. E bastante desconfortável, se bem me lembro.

Hart lançou-lhe outro olhar enquanto deitava uísque num copo e voltava a tapar o decantador.

— Que queres, Eleanor? — perguntou, com alguma tensão na voz. — Tive uma noite infernal.

— Falar sobre as fotografias, como já disse. Para as encontrar, ou descobrir o que esta pessoa pretende ao enviar-mas, preciso de saber mais.

— Bem, eu não quero falar dessas malditas coisas *agora*.

Ela ia responder, depois deteve-se, reparando no seu desalinho, na sua expressão carrancuda.

— Estás muito aborrecido esta noite, Hart. Talvez a senhora te tenha desiludido.

Hart olhou-a por cima do copo que começara a erguer.

— Qual senhora?

— Aquela a cujo perfume, positivamente, tresandas.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Estás a falar da Condessa von Hohenstahlen? Tem 82 anos e afoga-se em perfume de uma forma que faria corar uma rameira.

— Oh.

Hart bebeu o uísque de um gole. A sua expressão mudou quando o suave malte Mackenzie fez o seu efeito.

Pousou o copo na mesa.

— Estou cansado e quero ir para a cama. Falamos de manhã. Pede ao Wilfred que te marque uma reunião comigo.

Humph. Ao virar-se para a porta, Eleanor sentiu o alívio de Hart atrás de si. Esse alívio irritou-a.

Eleanor dirigiu-se à porta, mas, no último minuto, fechou-a e virou-se.

— Não quero esperar — disse ela.

Hart despira o casaco e agora, apanhado desprevenido, os seus olhos traíam a sua exaustão.

— Caramba, Eleanor.

— Porque é que tens tanta relutância em falar das fotografias? Elas podem prejudicar-te.

Hart tombou numa cadeira, o *kilt* a tapar-lhe as pernas, e estendeu novamente a mão para o decantador. Um cavalheiro nunca devia sentar-se na presença de uma senhora sem lhe pedir que se sentasse primeiro. Hart, simplesmente, limitou-se a servir-se de mais uísque e apoiou os cotovelos nos braços da cadeira enquanto erguia o copo.

— Sempre pensei que gostarias de me ver prejudicado.

— Não desta forma. Não mereces que se riam de ti. A rainha ficaria bastante desdenhosa, e ela tem muita influência, embora ela e o príncipe consorte costumassem colecionar fotografias de nus, sabias disso? Não foram vistas por muita gente, mas ela mostrou-mas uma vez. Ela adora falar acerca do Alberto. Venerava-o.

As palavras dela precipitavam-se enquanto Hart a observava, o seu olhar dourado e duro sobre ela.

— Que mereço eu então, rapariga? — As palavras eram um pouco arrastadas, o que significava que ele estava a caminho de ficar completamente embriagado. Hart raramente demonstrava os efeitos da bebida, pelo que, quando isso acontecia, era porque já estava para lá de ébrio. — Que mereço eu, Eleanor?

Ela encolheu os ombros.

— Mereceste que eu rompesse o noivado. Naquela altura. Talvez não merecesses que eu demorasse tanto a perdoar-te, ou que fosse demasiado orgulhosa para sequer falar contigo. Mas está feito. Ambos continuámos com as nossas vidas. Separados. Como estava destinado a acontecer.

— Estava destinado a acontecer? — A voz dele era baixa, suave, uma voz Mackenzie de quarto de dormir.

— Nós não nos teríamos dado bem, Hart, tu sabes disso. — Ela formou um círculo com o polegar e o indicador. — Demasiadas faíscas.

— Pois, tu tens fogo dentro de ti, rapariga, isso é verdade. Mau feitio. — O delicioso sotaque das Terras Altas intensificava-se à medida que ele bebia mais uísque. — E também outro género de fogo. Não me esqueci disso.

Eleanor também não esquecera. Hart sabia exatamente como aquecê-la, como lhe descer as mãos pelo corpo e atraí-la a si, como fazer com que ela instigasse os primeiros beijos. Hart sabia como tocá-la, o que sussurrar-lhe ao ouvido, como deixar a sua respiração demorar-se na pele dela.

Uma senhora não devia saber nada acerca dos homens antes da sua noite de núpcias, mas Eleanor sabia tudo acerca de Hart Mackenzie. O seu corpo musculoso e duro, as velhas cicatrizes que lhe cruzavam as costas, o fogo da boca dele na sua, o talento das suas mãos enquanto desabotoava e desfazia os laços da sua roupa.

Três vezes a seduzira, e três vezes ela se deixara seduzir. Uma vez no pavilhão de verão, outra vez naquele quarto e a terceira no quarto em Kilmorgan. Estavam noivos, pensara ela. Que mal havia?

Hart estava sentado na cadeira do outro lado do quarto, bebendo uísque, mas também podia estar ao lado dela, descendo-lhe novamente os dedos pelas costas, fazendo-a tremer como antes.

Eleanor afastou as memórias agradáveis. Precisava de se manter concentrada, ou cairia aos seus pés, suplicando-lhe que a fizesse estremecer de novo.

— Em relação às fotografias — disse ela. — Não vi nada em nenhuma delas que me desse uma pista acerca de quem as mandou.

Ele ficou alerta.

— Em *nenhuma* delas? Há outra?

— Recebi-a esta tarde. Foi-me entregue em mão, aqui. Ainda não tive oportunidade de interrogar o rapaz das entregas sobre quem lha deu.

Hart endireitou-se na cadeira, já não parecendo embriagado.

— Quer dizer que essa pessoa sabe que estás aqui.

— Lindo, toda a Inglaterra o deve saber. Nesta altura, Lady Mountgrove já terá informado toda a gente. Ela viu-me trazer-te para aqui, lembras-te? Deve ter vigiado a casa, para se certificar de que eu não voltava a sair. O que aconteceu, claro, mas regresssei logo. E fiquei.

— Eu interrogo o paquete.

Eleanor abanou a cabeça.

— Não é preciso. As fotografias são-me enviadas a mim, eu é que o interrogo.

Hart pousou o copo no braço da cadeira.

— Essa pessoa sabe quem és e onde estás. Isso não me agrada.

— Estendeu a mão. — Deixa-me ver a fotografia.

— Não sejas tolo, não ando com ela por aí. Está lá em cima, no meu quarto, escondida ao pé da outra. Posso dizer-te que a fotografia é do mesmo teor da primeira, mas estás a olhar por uma janela. Pelo que vejo através da dita janela, julgo que estavas no castelo de Kilmorgan.

Ele anuiu com a cabeça.

— Ocupado a provar que a casa era minha, suponho. Mostrando a mim mesmo que não tinha medo de fazer lá fosse o que fosse.

— Nessa altura a casa não era propriamente tua — disse Eleanor.

— O teu pai ainda devia estar vivo.

— Vivo, mas ausente. Uma boa ocasião para eu fazer o que me apetecesse.

— As fotografias são muito boas, sabes? Bastante artísticas. As imagens que a rainha e o príncipe Alberto colecionavam também têm muito gosto, mas não é a mesma coisa. Tu próprio posaste para as tuas. A rainha nunca perdoaria isso — um duque comportando-se como o vulgar modelo de artista. Foi a Sra. Palmer que as tirou todas?

— Sim. — A palavra foi brusca.

Eleanor abriu as mãos.

— Vês? É exatamente deste género de informação que preciso. A Sra. Palmer pode ter deixado a coleção a alguém, ou alguém pode

tê-la encontrado depois da sua morte. Devias deixar-me ir àquela casa em High Holborn onde ela vivia, para dar uma olhadela.

— Não. — Uma sílaba sonora, brusca e definitiva.

— Mas já não é uma casa de maus costumes, pois não? — perguntou Eleanor. — É só uma propriedade tua. Tu vendeste-a à Sra. Palmer e ela deixou-ta em testamento. Verifiquei-o. Os testamentos são registos públicos, como sabes.

Hart apertou o copo com a mão.

— El, não irás a essa casa.

— Devias ter-me instalado lá com o meu pai, sabes? É muito mais perto do British Museum, e eu podia passá-la a pente fino em busca de mais fotografias.

— Esquece isso, Eleanor. — Ele falava cada vez mais alto, com uma fúria inegável.

— Mas é só uma casa — ripostou ela. — Agora não tem nada de errado, e pode conter uma pista fundamental.

— Sabes perfeitamente que não é só uma casa. — A sua fúria crescia. — E para de me lançar esse olhar inocente. Tu não tens nada de inocente. Eu conheço-te.

— Sim, receio que me conheças *demasiado* bem. Isso torna as minhas conversas contigo terrivelmente difíceis, por vezes.

Eleanor tinha um sorrisinho no rosto, transformando aquilo numa brincadeira, e Hart não conseguia respirar. Ela fazia sempre aquilo, entrava numa sala e consumia todo o ar.

Eleanor estava muito apumada diante dele, com o seu vestido azul fora de moda e de corte simples, os olhos cândidos ao anunciar que procuraria na casa em High Holborn, cuja existência se interpusera entre eles.

Não, não se interpusera. Pusera Hart completamente fora de jogo.

Eleanor tivera um comportamento bastante decoroso acerca disso depois da sua explosão inicial, com toda a razão do seu lado. Podia ter processado Hart por a ter levado para a cama, por a arruinar, por violar algumas das numerosas condições do seu complicado acordo nupcial.

Em vez disso, dissera-lhe adeus e saíra da sua vida. Deixando nela um grande buraco, que nunca mais fora preenchido.

Hart esquecera-se completamente daquelas fotografias até Eleanor ter aparecido alguns dias antes e ter feito deslizar uma sobre a sua secretária.

— Caso essa pessoa seja um chantagista, El, não quero que tenhas mais nada a ver com o assunto. Os chantagistas são perigosos.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Já lidaste com algum, não já?

Demasiadas vezes.

— Tentar chantagear a família Mackenzie é um passatempo popular — respondeu Hart.

— Hum, pois, percebo. Calculo que haja gente a pensar que tu pagarás para manter os teus segredos fora dos jornais, ou para impedir que cheguem aos ouvidos errados. Tu e os teus irmãos têm tantos segredos.

E Eleanor conhecia-os todos. Sabia coisas que mais ninguém no mundo sabia.

— Todos esses chantagistas têm uma coisa em comum — disse Hart. — Fracassam.

— Ainda bem. Então, caso este seja um chantagista, nós corremos com ele também.

— Nós, não — disse ele, firmemente.

— Sê razoável, Hart. Alguém me enviou as fotografias. Não a ti nem aos teus inimigos, nem mesmo aos teus irmãos, mas a mim. Acho que isso tem algum significado. Além disso, porque as mandaria de graça, sem nenhum pedido de dinheiro?

— Para tu saberes que as tem e pedires as outras.

Ela mordeu o lábio.

— É possível.

Neste momento, Hart não se podia importar menos com as malditas fotografias. Pelo menos, enquanto Eleanor estivesse a enrolar o seu lábio vermelho debaixo dos dentes e a dar-lhe vontade de ser ele a mordê-lo.

— És cruel, El. — O tom da sua voz baixara outra vez.

Ela juntou as sobrancelhas, franzindo a testa de uma maneira deliciosa.

— Cruel? Por que raio dizes isso?

— Não me falaste durante anos. De repente, corres para Londres e declaras que estás aqui para me salvar, como se fosses um anjo benevolente. Um dia da semana passada acordaste, de repente, e decidiste perdoar-me?

Ele podia ter esperança.

— Claro que não. Comecei a perdoar-te há muitos anos. Depois da morte da Sarah. Tive tanta pena de ti, Hart!

Ele deteve-se, o frio conseguindo superar o calor do uísque.

— Isso foi quase há oito anos.

— Pois, eu sei.

— Nunca reparei que me perdoaras — disse ele, com voz tensa. — Nem cartas, nem visitas, nem telegramas, nenhuma declaração aos meus irmãos ou à Isabella.

— Eu disse que foi então que *comecei* a perdoar-te. Foi preciso muito mais tempo para toda a minha raiva se desvanecer. Além disso, na altura tu já eras Duque de Kilmorgan, bem escondido atrás das barreiras ducais, e a caminho de tirares o poder a quem quer que o tivesse. E também voltaste para a Sra. Palmer. Eu posso viver atrás do sol-posto, mas acredita, estou bem informada de tudo quanto fazes. E a terceira razão para nunca te ter dado uma pista, é que não fazia ideia se o meu perdão tinha alguma importância para ti.

— Porque é que *não* havia de ter importância?

O seu olhar vazio enterneceu Eleanor. Deixar-se enternecer junto de Hart Mackenzie era perigoso, mas a bebida suavizara-lhe a dureza, permitindo-lhe ver dentro da sua concha.

Achou-a alarmentemente vazia. Que lhe acontecera?

— Tu cortejaste-me para obteres influência sobre as relações e os amigos do meu pai — disse ela. — Eu sabia disso. Foi também por essa razão que casaste com a Sarah e, imagino, será também por isso

que escolherás a tua próxima esposa. Se eu perdoaria ou não os teus pecados de outrora, não teria para ti o mais remoto interesse.

Hart levantou-se da cadeira. Eleanor recuou. Ela não tinha medo dele, mas ele estava bêbado, sabia que o fazia zangar com facilidade e Hart era um homem muito grande.

— Eu disse-te — disse ele. — Nada do que te disse enquanto te cortejava foi mentira. Eu gostava de ti, desejava-te...

— Sim, eu gostei bastante de ser seduzida por ti. — Eleanor ergueu a mão, com a palma para fora e, inexplicavelmente, ele de-teve-se. — Perdoei-te porque éramos ambos muito jovens, muito arrogantes e um pouco estúpidos. Mas a vida continua. Provavelmente, sou uma das poucas pessoas que sabe o quanto a morte da Sarah foi um golpe duro para ti. E a morte do teu filho. E, na verdade, a da Sra. Palmer. Ela era horrível, e estou *muito* zangada com ela pelo que fez à Beth e ao Ian, mas sei que gostavas dela. Perder alguém de quem se gostou durante muito tempo é bastante doloroso. Tenho pena de ti.

— A Sra. Palmer morreu há dois anos — disse ele, rigidamente. — Ainda não chegámos ao dia de hoje.

— Estou a tentar explicar. Por que carga de água devia eu de pensar que tu ficarias contente por eu aparecer à tua porta, bradando aos quatro ventos que te perdoara? A fotografia foi uma dádiva, porque me deu um pretexto para vir aqui. Não menti quando disse que o dinheiro estava um pouco apertado, por isso, achei melhor pedir-te um emprego para avançar com isto. Deste-me aquelas cem libras no ano passado, mas isso não dura para sempre, e a casa precisava de muitas obras. Passares fome para que os teus entes queridos possam comer parece romântico, mas garanto-te que não tarda a tornar-se cansativo. A tua cozinheira é muito talentosa. Tenho-me banqueteadado nestes últimos dias.

— Eleanor. Para.

— Mas tu perguntaste-me...

— Por amor de Deus, importas-te de *parar*?

Eleanor pestanejou para ele, mas quando ele se limitou a fechar a boca, ela suspirou.

— Muito bem — disse. — Se preferes que eu seja sucinta, estou aqui porque: número um, preciso do emprego; número dois, irrita-me que alguém pretenda magoar-te com estas fotografias; número três, gostaria que fôssemos amigos, sem ressentimentos entre nós.

Hart apertou o copo vazio até as facetas lhe ficarem marcadas nos dedos. Os olhos dela eram enormes, azuis como delfínios à luz do sol.

Amigos, sem ressentimentos.

Ela fazia-lhe uma oferta de paz, com um sorriso. Eleanor sabia mais acerca dele do que qualquer outra pessoa no mundo, incluindo os irmãos, e acabara de dizer que tinha pena dele. Ali estava ele, então, o monstro na torre, com a princesa a acariciar-lhe a cabeça.

— Quanto às fotografias... — A voz de Eleanor atravessou-lhe o cérebro ensofado em álcool. — Quem mais sabia delas, além de ti e da Sra. Palmer? Continuo a achar que devia ir à casa de High Holborn e dar uma olhadela, ou falar com algumas das senhoras que lá viviam...

— Não! Vais esquecer isso de uma vez por todas!

Eleanor olhou-o, com os lábios entreabertos, a surpresa estampada nos olhos, mas sem medo. Eleanor nunca tivera medo dele, algo que fascinara e intrigara o jovem Hart. O mundo inteiro achava-o perigoso, imprevisível, aterrorizador, mas não Eleanor Ramsay.

Ela agora arrancava os pensos das suas feridas, fazendo-as sangrar de novo, quando Hart não queria voltar a sentir nada, nunca mais na sua vida.

— Eleanor, porque é que estás tu aqui, a obrigar-me a falar acerca disto? A fazer-me *pensar* acerca disto? — E ele estava demasiado bêbado para parar o remoinho das memórias.

— Oh, Santo Deus! — Ela deu um passo na direção dele. — Hart, desculpa.

Eleanor estendeu a mão para a dele. Hart sentiu o ar entre os dedos dela e o seu calor, como se se tocassem antes do contacto. Antecipação. Ele precisava do toque dela.

Eleanor interrompeu o movimento e deixou a mão tombar, e algo dentro dele gritou.

A sua ideia de que podia voltar a cortejá-la friamente era insensata. Hart nunca poderia ser frio com ela, nunca.

Eleanor não disse nada. Um caracol ruivo caiu-lhe sobre a testa, a única madeixa que não estava rigidamente entrançada no seu lugar.

Hart queria introduzir os dedos no cabelo dela e soltá-lo, senti-lo cair-lhe nas mãos. Atraí-la-ia para junto de si e deteria as suas palavras com beijos. Não beijos ternos e doces, mas beijos carentes, exigentes.

Precisava de a saborear, de se encontrar com o seu fogo, de não a deixar sair do quarto esta noite. Queria desapertar o corpete apurado e roçar os dentes no seu ombro nu, queria deixar a sua marca no seu pescoço branco.

Imaginava o aroma salgado da sua pele, o seu gemido de prazer quando a lambesse, o sombrio sobressalto do seu coração quando ela levantasse as mãos para protestar.

Se a beijasse, obrigá-la-ia a ficar, descer-lhe-ia o corpete até à cintura, desapertar-lhe-ia o espartilho. Tocar-lhe-ia com carícias lentas, pôr-lhe-ia as mãos no corpo, reaprendendo o calor dela.

Ele contivera-se com ela quando estavam noivos, mas Hart sabia que, se a tomasse esta noite, não se conteria. Estava embriagado, frustrado e em profunda dor. Ensinar-lhe-ia coisas que a deixariam chocada e não a largaria enquanto ela não lhe fizesse as mesmas coisas.

O seu desejo apertava-se como uma rede em torno dele, um desejo que não sentia há anos. Os seus loucos desejos sexuais tinham-se desvanecido no vasto vazio que era agora Hart Mackenzie, ou pelo menos era nisso que ele acreditava. Agora, o desejo serpenteava através dele e troçava do seu autodomínio.

O desejo não desaparecera, apercebeu-se ele. *Apenas ficara adormecido*. Até esta noite, quando despertara, rugindo, por causa de uns olhos de pestanas pretas e um caracol diante de uma testa docemente sardenta.

— Sai daqui — disse Hart com a voz rouca.

Os lábios vermelhos de Eleanor abriram-se.

— Quê?

— Eu disse *sai daqui!*

Se ela ficasse, Hart não conseguiria conter-se. Estava demasiado embriagado para se dominar, e só Deus sabia o que poderia fazer-lhe.

— Deus meu! Hart, tornaste-te duro.

Ela não tinha consciência de quão duro se tornara. Imaginar-se com ela na cama, segurando-a pelos pulsos, com os braços levantados atrás da cabeça, sentindo-lhe a respiração suave enquanto ela gemia de prazer... deixara-o duro como granito.

— Sai daqui e deixa-me sozinho.

Eleanor não se mexeu.

Hart resmungou, virou-se e atirou o cálice de cristal para a lareira. O vidro estilhaçou-se e as últimas gotas de uísque salpicaram as brasas, explodindo em minúsculas chamas azuis.

Hart ouviu os passos rápidos de Eleanor atrás dele, sentiu a corrente de ar quando a porta foi aberta, ouviu os seus tacões no patamar. Correndo. Para longe dele.

Graças a Deus.

Hart soltou a respiração, fechou a porta e rodou a chave na fechadura. Voltou para junto do decantador e serviu-se de uma grande porção de uísque num copo limpo. As mãos tremiam-lhe tanto que mal conseguia levar o copo aos lábios para beber.



Hart abriu os olhos à luz do sol que entrava pela janela, com um ruído na cabeça que parecia alguém a arranhar granito.

Estava de barriga para baixo na cama, ainda de camisa e *kilt*, com um copo de uísque a um centímetro da sua mão esticada. As últimas gotas tinham-se entornado, deixando uma mancha de cheiro intenso na colcha.

Parecia que tinha a boca recheada de algodão e os olhos não focavam. Fez o esforço supremo de levantar a cabeça e descobriu que

o som semelhante a uma serra que ouvia era o seu criado de quarto, um jovem francês de maneiras suaves, que ele contratara quando promovera Wilfred, a afiar uma navalha sobre uma tigela de água fumegante.

— Que raio de horas são? — conseguiu gemer.

— Dez da manhã, Vossa Graça. — Marcel orgulhava-se de falar inglês sem qualquer vestígio de sotaque. — A jovem senhora e o seu pai já fizeram as malas e estão prontos. Estão lá em baixo, aguardando que a carruagem os leve à estação.



HART MACKENZIE ESTÁ PREPARADO PARA CONQUISTAR O MUNDO. MAS CONSEGUIRÁ ELE CONQUISTAR ELEANOR?

Depois da morte do pai, Hart Mackenzie, que é o filho primogênito, herda o título de Duque. A sua carreira política vai de vento em popa, e ele prepara-se para ganhar as eleições e assumir o cargo de primeiro-ministro. A única coisa que lhe falta é o amor da sua vida, Eleanor.

No passado, Hart não foi digno do seu amor. Eleanor atirou-lhe à cara o anel de noivado, afastando-o e cortando relações. Mas, agora, ela está de volta à sua vida, pois tem vindo a receber em casa correspondência estranha, com fotos de Hart em poses comprometedoras, e quer saber quem está por detrás deste assédio.

Será isto uma tentativa de chantagem? Poderá alguém querer boicotar a carreira política de Hart? Ou será antes uma provocação à própria Eleanor? Seja qual for a hipótese, Hart está decidido a usar esta oportunidade para se reaproximar daquela que nunca deixou de amar.



«Uma história de amor encantadora, intensamente emocional,
que vai prender o coração e a mente das leitoras.»

RTBook Reviews

DA MESMA
AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8869-34-0



9 789898 869340

Ficção Romântica